

Trabalho infantil nas passarelas



Janeiro foi o mês da São Paulo Fashion Week, da moda e de seus desfiles. Os noticiários cobriram o evento amplamente, mostraram os bastidores e concentraram a atenção nas jovens modelos. Brilho, holofotes, luxo, visibilidade. Entre elas, pequenas celebridades de 13, 14 anos. Celebridades rápidas, pois, para muitas, aos 17 anos a carreira vai se encerrar. Ficam velhas para o ofício.

Mas, até lá, as oportunidades de fama e fortuna atraem com força.

Não fosse, numa das reportagens, o comentário da jornalista sobre "um trabalho quase infantil", eu teria continuado desatenta para a gravidade do fato. Em termos legais, todo trabalho realizado até os 16 anos é considerado trabalho infantil. Por que a sociedade aceita, sem discussão, esse tipo de trabalho no mundo da moda e o condena se acontece na lavoura, no comércio, na indústria?

O trabalho infantil na área da moda parece se concentrar preferencialmente nas meninas. Maquiagem, vestuário, imitação de gestos sensuais podem, nelas, provocar a ilusão da idade. Parecem mais velhas do que são. Parecem mais adultas. Já os meninos são fisicamente menos formados - aos 13 anos, pelo menos, não são tão aptos a ter seus corpos de criança disfarçados. Quando começam a servir para essa profissão, os meninos já estão mais escolarizados, mais amadurecidos. Já são mais capazes, inclusive, de ter consciência de sua situação e de sua atividade.

Aos 13 anos, uma garota pode ter muitos caprichos, mas dificilmente sabe, de fato, o que quer para si mesma, o que espera da vida. Não tem história pessoal suficiente em que alicerçar suas decisões e posições. Por isso mesmo, aceita, em nome de ser famosa ou de ser conhecida, tornar-se um mero objeto nesse universo.

Ouvi estilistas, durante esse período de notícias e reportagens, chamarem-nas de "cabides".

Elas são ossos e altura. Meras coisas. E, para se manter nessa condição de puro objeto, não comem, dormem pouco, tratam mal do corpo e da saúde, cultivam a anorexia e a bulimia. É certo que esperam a recompensa de fama internacional e dinheiro, mas as Gisele Bündchen são poucas, raríssimas. Correm atrás de possibilidades ilusórias porque, se não conseguirem atingir a meta em dois ou três anos, estão fora. Como contou uma agente de modelos, "numa temporada, elas fazem vários desfiles, fazem sucesso, mas, na outra temporada ninguém mais olha na cara delas".

À espera da "terra prometida", as jovens modelos e aspirantes a modelos também têm que se descompromissar com os estudos.

Ficam fora da escola, ou, como me disseram, há colégios que aceitam abonar suas faltas, se fizerem em casa atividades escolares e freqüentarem ao menos dois meses de aula. Certamente um privilégio que os malabaristas mirins dos faróis não têm. Há que se pensar também que, num país que tenta arduamente desmontar o esquema do sexo com crianças e adolescentes (pedofilia, pornografia, turismo sexual), a aceitação social do trabalho infantil das modelos permite um paradoxo expressivo. Embora com outra intenção, a atuação dessas meninas nas passarelas ressalta, da mesma forma, a imagem da infância travestida de adulta, a imagem das ninfetas.

Falta uma reflexão mais profunda sobre a questão, mas ela me parece tão grave, que tive pressa em compartilhá-la. Que todos a percebam e a discutam. Esse problema só está aí porque é alimentado pelos valores empobrecidos do nosso tempo. O que vale é a corrida pelo ouro, nada mais.

Afinal, por que a moda precisa de meninas, quase crianças, como modelos?

DULCE CRITELLI professora de filosofia da PUC-SP, é autora de "Educação e Dominação Cultural" e "Analítica de Sentido" e coordenadora do Existência - Centro de Orientação e Estudos da Condição Humana

@ - dulcecritelli@existencia.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)